

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACCAO Rua de S. José 121	RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO DE 1887	ADMINISTRAÇÃO Rua de S. José 121
ANNO II	Publica-se tres vezes por mez	N. 40

EXPEDIENTE

Scientificamos aos nossos leitores que Eugenio Augusto Pinto está desligado d'esta empresa.

Tendo mudado o nosso escriptorio e officina para a rua de S. José, n. 121, rogamos que se diguem dirigir a correspondencia para este novo domicilio, onde nos achamos presente do meio dia em diante. Usando do antigo endereço, é facil que se dê algum desvio.

Ainda d'esta vez não nos foi possível dar a continuação do romance

A FORÇA DO DESTINO.

Não deixaremos de satisfazer devidamente o nosso dever, produzindo proximamente, d'uma vez, acerca d'esto ponto maior quantidade de manuscritos.

CHRONICA POLITICA

Rio, 2 de Novembro de 1887.

Não vale a pena presagiar nada á patria.

Teremos dias properos ou lutosos; d'isso ninguem se importa. A senha é cuidar do presente, legando a nossos filhos o que a sorte lhes deparar.

Rememorar as momentosas questões que reclamam prompta solução é, na verdade, prégar no deserto.

Em primeiro lugar, estando o throno vacante, não podia dar-se melhor occasião para uma suppressão definitiva. Poupava-se de enfrentar com resistencias ou com guerra de qualquer especie.

Nós, porém, esperamos que os pretendentes criem partido e se consolidem, para mais tarde derreter-nos em lamentações.

Vem em seguida o assumpto magno do dia: a abolição da escravatura. Depois do rebate que commoveu e despertou aos mais indolentes, é natural que um movimento de energia se produzisse, fosse secundado pelo maior numero e por aquelles a quem cumpre resgatar.

N'isso não somos mais felizes. Deixamos que um governo autocratico estenda a sua mão do ferro e afogue o estrangulo aos poucos que ousam protestar.

Os grande interesses pendentes da adopção de medidas necessarias, como a descentralisação do governo, a autonomia das provincias, das municipalidades, a decretação de outras leis urgentemente reclamadas, bem como a systematisação do movimento immigratorio, estão entregues a homens cujo unico fito é cabalar para conservar-se no poder, inda que com esgarneo do bom senso e condemnados pela opinião.

Nada promette bom desfecho; tudo se desenha sombrio e prenhe de calamidades

Mas a nossa despreocupação habitual, a

insouciance característica de brasileiros, leva-nos a gracejar acerca de incidentes futeis e de parvoíces, aguardando que os males se accumulem e provoquem a mais declarada e irremediavel conflagração de todos os elementos sociaes.

Assim, o futuro de nossa patria afigura-se-nos indecifrável. Será grandioso, invejavel, saudado por todas as nações, supposto que tenhamos uma particula de energia e civismo para emancipar-nos dos politicos officiosos e especuladores que nos perseguem e rebaixam. Resolver-se-ha n'um amalgama de antinomias e desgraças, se continuarmos a confiar a direcção e marcha de nossos negocios a quem só tem sabido atraçoar-nos e locupletar-se.

E' preciso, em summa, que os que occupam as altas esferas sejam expellidos para darem lugar aos caracteres sãos e bem intencionados.

Estes só existem nas baixas camadas, até hoje vilipendiadas e perseguidas.

ESTUDOS ECONOMICOS

VI

PERMUTA DE PRODUCTOS

INDUSTRIA COMMERCIAL

No precedente artigo considerámos a utilidade da circulação das mercadorias desde o fabricante por grosso e deste até o retalheiro, porque effectivamente, n'este duplo percurso, os productos recebem nova forma, nova utilidade. Todavia, o nosso pensamento carece de ser esclarecido, sobretudo actualmente que se clama contra os intermediarios.

A natureza não accumulou a immensa variedade de suas riquezas em todos os pontos do globo; o creador não permittio ao homem de supprir artificialmente as desigualdades do solo e do clima. Cada paiz possui riquezas proprias especies, e, em um mesmo, cada localidade é dotada d'uma maneira differente: aqui montanhas, alli planicies, além rios caudalosos, e mais longe costas do mar. Um possui solo, cujas entranhas contêm mineraes de toda especie, outro pode colher frutos abundantes, outro a lã e, finalmente, outro a seda.

O objectivo do commercio é pôr ao alcance de todos os habitantes do globo os productos do agricultor, do mineiro, do manufactor dos differentes pontos da terra, procurando-lhes assim a maior somma de gosos possível, offerecendo-lhes todos os objectos que possam cubicar.

O commercio imprime novo valor ás cousas pelo transporte necessario ao consumo, pelo trabalho e pelos capitais que exigem a remoção, a armazenagem, a exposição dos productos para ficarem ao alcance dos consumidores.

Uma multidão de trabalhadores concorre a esta especialidade industrial, desde o descarregador e o marinheiro até o commisario e corrector.

A industria commercial divide-se em commercio exterior e commercio interior; este subdivide-se em muitas categorias.

Está na comprehensão de todos a necessidade do commercio exterior, como também todos conhecem que elle augmentaria se fosse feito livremente.

Não nos occuparemos mais das peias que o governo põe ás transacções pela alfandega; já mostrámos quanto ellas são prejudiciaes á sociedade. A acção governamental não é menos nociva quando exercida sobre os meios, isto é, sobre a construção dos navios, sobre o pavilhão, pelos direitos differencias.

No commercio internacional, cada uma das nações entre as quaes se fazem as permutas, enriquece-se pelo que ganham os industriaes e pelos capitais empregados de parte a parte, na compra ou na venda, na armazenagem, no carregamento, no transporte interior. Ha

equilibrio de serviços que não se podem deslocar; mas independentemente d'esses serviços cuja importancia ninguem desconhece, ha um outro que consiste no transporte por mar e que pode ser feito mesmo por terceira nação.

Pois bem, é justamente este serviço secundario, principalmente pelos seus resultados, que s'aduz e provoca a acção da autoridade publica em muitas nações.

Quando um governo premeia a construção dos navios, ou subsidia as suas viagens, corre directamente contra o interesse publico; toma a cada um uma parte da fortuna propria para dá-la a alguns; diminue assim a riqueza geral.

Se, para sustentar nossa navegação, o governo premiar cada navio, por exemplo, com dous contos, seguramente, é porque outros navios farão a mesma navegação com cerca d'esta somma menos. Pagaremos, portanto, o carregamento por mais dous contos do que elle deveria custar; pois para fazer face a este premio o governo creará, ou um imposto pelo thesouro publico, ou um direito aduaneiro que encarecerá as mercadorias e em qualquer das hypothses diminuirá o nosso consumo, as nossas vendas.

Aproveitará ao menos á nossa marinha semelhante premio? Sim, como a esmola que fazemos aproveita a quem a recebe. Mas, reptamos, se a construção de um navio custar mais caro nos nosso estaleiros que no estrangeiro; se os nossos marinheiros exigirem uma soldada maior, deve ser causa d'isso a nossa inaptidão, ou a pouca offerta para este genero de trabalho; ao passo que a condição essencial do commercio exterior consiste em que cada nação se entregue ás industrias para as quaes tiver mais vocação.

O transporte maritimo convém ás nações que tem abundancia de capitais e população exuberante. E' vantajoso para as nações que o empreendem, e testemunha, de facto, o melhor emprego dos seus capitais e da sua população.

No interior do paiz, o fabricante vende geralmente ao negociante atacadista; este fornece ao varejista que alimenta o consumidor. A divisão do commercio actua da mesma maneira que a da industria: augmenta a aptidão e produz a barateza.

J. C. DE MIRANDA.

(Continúa)

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

NOTAS

Por conta de maior quantia

O proprietario d'O Paiz externou em 27 do mez p. p. umas opiniões que deveram merecer o applauso de todos.

Vamos indubitavelmente presenciar a applicação de um correctivo indispensavel e inadiavel. O inveterado promotor da maledicencia, aquelle que tem por officio utilizar-se do proloquio: *inter... tertius gaudet*, foi chamado a contas e ha de prestal-as, se estima em alguma cousa o seu involucro terrenal.

Realmente a nossa sociedade necessita de ser expurgada d'esse e outros diffamadores de profissão.

Nós, mesmo, no nosso modesto tentamen, não estamos livres de que caracteres perversos nos façam alvo de seus odios e invectivas.

Ora, acontece n'isto como em muitas questões: Quando mais difficil parece a solução, depara-se-nos de improviso uma sahida correctissima, summamente natural e simples. Já não ha por que desesperar-se devido a ataques e insultos vibrados das sombras. Ahi está o verdadeiro solidario. Sus n'elle.

Felicitemos ao descobridor da idéa e aconselhemos ao indigitado: Cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem.

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

Desterro e reclusão de presos

Summamente grave nos parece a denuncia apresentada pelo nosso illustre correligionario, o dr. Cyro de Azevedo, a respeito do que se pratica com os detentos da policia.

A tolerar-se a nova medida iniciada, de desterrar-se os presos para a fortaleza da Lage, fica inaugurado o regimen autocratico de epochas ominosas, rivalisamos em despotismo com a Russia e, por pouco, estamos todos á mercê do capricho dos governantes.

Será possível que o Sr. Cotegipe pretenda e consiga eliminar de facto a quem bem lhe apraz, sem mais formalidades nem apparencia de justiça?

Ver-se um cidadão atirado nos calabouços d'uma fortaleza quasi inaccessible antes de ter passado por qualquer processo que autorise as represalias ou o castigo! Isto é demasiado insensato, para não dizermos cousa peor.

Sabemos que o governo é omnipotente, na phrase de estadista bem conhecido. Por isso mesmo, augmenta a sua culpa quando exerce esse poder illimitado contra pobres infelizes, reduzidos a joguete de esbirros.

Primeiro que nos chegue por casa, condão-se o muito nobre barão dos desherdados e desprotegidos.

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

Fuga de escravos

Que poema se destaca d'essa evasão heroica, miraculosa de um punhado de miseros escravos peregrinando atravez das feitorias, das cidades e de metade da provincia, com o ar marcial e intrepido de quem vae n'uma romaria santa, inspirada por uma predestinação irresistivel!

O alarme, a emboscada, o assalto e tiroteio, nada os detem. Ignaros do terreno, privados de tudo, tendo por inimigo as hostes da civilização e por defesa a sua indigencia escudada e fortalecida do seu direito á vida, chegam milagrosamente ao oasis de salvação!

Eis como se opera o desenlace d'esta prolongada tragedia que, qual espantoso pesadello, obumbra e entristece a consciencia do povo brasileiro!

Enervados pelos vicios, possuidos de covardia, alelhargados pela inercia, não sabemos como agir, nem como sahir da crise em que fomos colhidos.

Nada mais obvio e exequivel; as victimas, por cuja existencia e futuro tanto extrameçamos, encarregam-se de patentear-nos que fora do nosso dominio vivem felizes.

Principiou a debandada, isto é, iniciou-se a era da justiça, a phase do equilibrio, o imperio da razão.

Inda havemos de haurir as melhores lições e os mais salutaes ensinamentos de quem accusavamos de incapazes de raciocinar.

Os factos fallam mais alto do que todas as deducções da casuistica.

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

JORNAL REPUBLICANO

Voltou de sua excursão ao interior o nosso amigo, o Sr. Jayme Dias. Vem resolvido a fundar uma folha diária consagrada à causa republicana. O favorável acolhimento que encontrou o seu projecto em toda a parte e no conceito de importantes personagens consultados, são penhores de exito garantido e brilhante.

Contando do seu lado os caracteres mais puros e talentos reconhecidos, incumbidos da redacção das diversas secções do futuro jornal, parece-nos que o paiz muito aproveitara de uma propaganda mantida com independência e coragem. Abstemo-nos de encarecer mais a longo a utilidade da criação de uma folha francamente adheza à forma de governo republicano, visto serem intuitivos os argumentos em que baseamos a nossa convicção, limitando-nos por ora a felicitar ao sr. Dias pela sua patriótica resolução e a desejar-lhe o mais prospero successo.

Grande desnaturalisação

Diz o *Jornal do Commercio*, de 22, que ultimamente tem sido cassadas diversas cartas de naturalisação depois dos respectivos juramentos e assignatura imperial.

Pedimos licença para rectificar.

Cassado foi o art. 7.º da sacratíssima constituição do império, segundo o qual só perde o direito de cidadão brasileiro o que se naturalisa em paiz estrangeiro, ou sem licença aceita emprego, pensão ou condecoração de governo estrangeiro, ou é banido por sentença.

Se a Sociedade Central de Imigração soubesse que o governo desnaturalisa gente, deitava com certeza mais um folheto.

Por nossa parte achamos que as camaras municipaes não devem perder o ensejo de queimar uma gyrandola ao sr. de Cotegipe.

Grande homem!

O conflicto de Campos

E' na propria Bastilha da escravidão, na Malakoff do despotismo secular e arraigado que desfere-se actualmente o ingente combate, aonde, d'um lado, se estorcem e degladiam desesperadamente as ruínas paixões, a infernal prepotencia, os preconceitos odiados por cuja causa a historia representa um sudario de sangue; d'outro offerecem-se em holocausto alguns martyres, apostolos e peregrinos d'uma idéa que desponha radiosa e ha de em breve ser aclamada como salvadora.

Campos constituiu de todo o tempo o baluarte do carrancismo e da deshumanidade; esta triste fama ella grangeou: a de enospar a terra com o sangue dos precitos que a desventura atirara para aquellas bandas.

Mas, por um facto providencial, é alli mesmo que surgem os grandes athletas da propaganda; a sua resistencia e tenacidade augmenta na razão dos ataques insidiosos dos ferozes e truculentos adversarios.

Pensaram os abolicionistas de Campos que convinha haster o symbolo de seus principios à face de todos e crearam um periodico em cujas columnas dissertavam com denodo e inoculavam a persuasão nos espiritos.

Mas os escravagistas temem a discussão, o debate, qual arma mortifera; elles só acurciam o silencio sepulchral, a repressão, desde os gemidos das victimas até o canto da liberdade.

Levados por uma logica boçal, trancaram a ruína do *Vinte e Cinco de Março*.

Não faltaram pretextos nem conniventes para a perpetração de tão negro attentado, ainda mais quando não se escrupulisa na retribuição de serviços.

Porém a nação assiste consternada diante de tamanha desvergonha e saberá applicar o devido qualificativo aos hystriones d'essa farça sanguinolenta: barbaros!

Os apologistas dos Davinos

Considere o leitor a equidade incomparavel do nosso systema de governo, que em theoria consagra o catholicismo como religião do Estado e na pratica sanciona as mais flagrantissimas transgressões aos preceitos d'essa religião.

De facto, a lei de Christo é synonimo de paz, amor, caridade, desinteresse, abnegação. A noção mais elemental de justiça, observada entre selvagens mesmo, condemna o encarnicamento e o requinte de ferocidade contra seres viventes e ainda mais creaturas humanas.

Entretanto, alem de tolerar-se a nefanda instituição da escravatura, negação absoluta da dignidade humana e do espirito civilizador, oh vergonha! ha entre nós quem se encarregue de attenuar-lhe a hediondez e de disculpar os excessos que à sua sombra se commettem!

Ah, sede do ouro, a quanto não obrigas! Discursadores refinados, rhetoricos astutos, mercadejadores da sciencia; far-nos-hiam negar do progresso e da intelligencia, se não existisse uma lei fatal que leva o mundo a caminhar e a progredir!

De argumento em argumento, de deducção em deducção, chegam os mercenarios-publicistas a conferir a impunidade aos crimes mais bradantes e horroresos!

Tal é a natureza humana, guiada pelo instincto egoistico e pelos preconceitos de uma falsa civilisação.

Para homens que antepõem o seu proprio bemestir aos martyrios de uma geração; para escriptores que creem o indulto dos Davinos, Francisca de Castro e centenaes de imitadores, não ha supplicio condigno, nem pena assaz dura; o desprezo, o asco, o nojo é a unica resposta com que podemos retrucar aos seus desmandos e vociferações assalariadas.

Club Militar

Sobremodo honrosa para a classe militar é a attitudo que tem assumido esta digna corporação, agora mais notavel com a mensagem que por intermedio do sr. ajudante general do exercito acaba de dirigir a regente do imperio, pedindo que seja a exercito dispensado da tarefa degradante de pegar escravizados evadidos do captivo.

Em verdade, não esperava a opinião publica outro procedimento da parte dos militares, quando via com lastima e dôr, o governo da regencia desviar os corpos do exercito da nobre missão que lhe foi consignada pela carta constitucional, para o infame mister de *captives de matto*. Destacar para tão estranha e infima jornada aquelles que a lei fundamental da nação, destinou à defesa da sua honra e da sua integridade, é attostar o governo a vileza e perversão de suas idéas e seus intuitos; e se os militares não protestassem contra tão aviltante papel imposto por um governo indigno d'esta terra, cahiria infallivelmente no vilipendio e no desprezo publico.

Se a petição do Club Militar não for devidamente attendida, resta ao exercito negar-se absolutamente ao desempenho de uma missão que não é de seu dever e o degrada na consciencia do paiz.

Post-Scriptum.—A mensagem, de que acima fallamos, não foi tomada em consideração. Não convinha ao governo, nem a sua alteza fingir que dão ouvido ao povo. O seu interesse é a manutenção do arbitrio e da tyrania. A classe militar está justificada e o tribunal da consciencia ja pronunciou a sentença que a eleva no juizo da nação.

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Temos estranhado que a inelyta Associação Commercial do Rio de Janeiro ainda não tenha dirigido ao famigerado sr. presidente do Conselho uma mensagem, louvando o sabio governo de s. exc., de cuja sabedoria tantos actos se derivam em todo o imperio para tranquillidade do commercio e da lavoura, e muito especialmente por aquella surra applicada a um portuguez por um fazendeiro de Campinas.

Esse portuguez, naturalmente era algum turbulento, d'esses capazes de provocar conflictos abolicionistas por aquellas regiões agricolas, e o acto do fazendeiro surrador não foi mais que um reflexo dos actos do sabio governo do sr. de Cotegipe a fim de reprimir amotinadores.

A Associação Commercial não deve deixar passar esta excellente oportunidade de mais uma vez tecer lóas na sua prosa cerrada ao seu querido barão, agora que os estrangeiros maxime os portuguezes signatarios da primeira mensagem, devem exultar de prazer depois da surra de seu compatriota.

A policia do sabio governo do sr. de Cotegipe enche a Correcção d'esta capital de portuguezes, italianos, sem nota de culpa nem processo.

Mais um motivo para outra mensagem da Associação Commercial.

Não se faça molle.

Divino e eterno

As misérias da natureza humana causaram sempre horror à essencia divina d'estes grãosenhores dos povos que se chamam reis, imperadores e principes.

A molestia, embaraço-lhes a vida, flagellando-os pela dôr, castigando-os pelo soffrimento foi-lhes sempre o supremo supplicio porque nivelava-os pelas leis eternas da natureza ao commum dos mortaes, tirando-lhes todo o prestigio da sua origem sobrenatural e phantastica.

A morte, o fim natural d'existencia, só lhes sorria, na refrega d'essas pelejas sangrentas em que ossadas humanas servissem de pedestal a seus feitos e à sua fama.

Só em meio do espectáculo fatallante de luctas e de guerras, espalhando a desolação exhalavam contentes o ultimo alento embalados pelos acenos de uma gloria sangui-naria.

E assim perpetuaram o dominio dos povos e a grandeza de seus descendentes.

Esse systema anachronico de governação monarchica, embora já profundamente modificado pelo tempo, prolongando-se até nós, está ainda produzindo as mesmas superstições e as mesmas tollices dos antigos tempos.

O imperador está demente, todos o sabem; todos estão convencidos d'isso, mas os mandarin d'esta nossa China levantam uma pei-rada terrivel nos campos da opinião para occultar de todos a luz clara da verdade.

E' preciso não abalar o prestigio da sagrada instituição imperial e fazer todo o esforço para elevar seus representantes até a esphera eterna da grandeza divina.

No Thibet são mais logicos os monarchistas; decretaram a immortallidade do rei, que cercado de sombras liturgicas ve e é substituido sem que ninguém devesse os mysterios da celeste governação.

Porque não fazem como lá?

Cidade de Santos

No espirito dos tristes escravizados, ella surge no horizonte irada e vicejante de esperanças, como um oasis no deserto de Sahara.

Santos! ella apparece na noite sombria da escravidão aos martyres, aos infelizes desterrados da humanidade, como aos naufragos no deserto do oceano um phanal na costa salvadora e hospitaleira.

Santos! Ella assoma ridente e carinhosa à visao espavorida dos miseros perseguidos da injustiça e da iniquidade social, como a mãe heroica e intemerata, de braço aberto e seios palpitantes recebendo e arrebato da furia da desdita aos filhos batidos nas trevas horro-rosas do captivo.

Santos! A grande terra! O santuario da liberdade! A estrella do Oriente guiando os foragidos do despotismo! A cidadella inexpugnável da salvação de innocentes condemnados!

Nós saudamos-te e veneramos-te!

A maçonaria e a escravidão

Depois da infructifera questão religiosa, a maçonaria brasileira recolheu-se à sua obscuridade e não deu mais signal de si. *Finitis Poloniae*.

Entretanto, ha bastantes annos, agita-se a formidavel questão da liberdade dos escravizados, e o Grande Oriente do Brasil tem-se mantido quedo, mudo e surdo como um p-nedo!

A liberdade dos captivos, acto de caridade, missão phantropica, obra de misericordia, tarefa civilisadora, preparatoria do melhor futuro d'essa parte do genero humano n'esto continente da America, não tem merecido da rica, numerosa, vasta, potente associação maeonica o mais leve ar de sua graça.

Estamos agora n'uma phase encandesciente da questão abolicionista; em face de um governo feroz e infamemente negroiro, e a maçonaria não se digna fazer a bem da liberdade um de seus signaes nem disparar nenhuma de suas baterias, nem simples, nem triplice!

Nem uma peça de architectura aos seus irmãos a favor dos opprimidos!

Nada! nada!

Então para que servirá a maçonaria?

«O BOM-SUCCESSO»

Saudando cordialmente a este novo campeon que se ergue para instruir e para defender os opprimidos, regosijamo-nos tanto mais quanto é no proprio fôco que convem extirpar o mal. Bom-Successo, Oliveira e S. João d'El-Rey formaram até pouco a trindade indomavel do fanatismo religioso e o baluarte da escravidão. Aquellas duas primeiras cidades adquiriram uma fatidica nomeada pelas creaturas que de lá sahiam com a infamissima mira de explorar a humanidade, commerciando em escravos sob a denominação de comboieiros. Deus se amercie d'elles e lhes faça abrir os olhos à luz. O novo orgão poderá n'esse terreno prestar im-mensos serviços.

Um reparo

«A REDEMÇÃO» DE S. PAULO

Entre os jornaes de S. Paulo, um que mais se destaca pela valentia de expressão e nobreza dos intuitos, é incontestavelmente *A Redenção*, orgão dedicado aos interesses abolicionistas e escripto com um vigor e lucidez que só a paixão de uma causa sagrada pôde inspirar.

Da sinceridade de nosso juizo dão provas as repetidas transcrições que, por diversas vezes, temos feito e ainda hoje fazemos de judiciosos conceitos do illustre collega, a quem votamos inteira sympathia e admiração.

Foi por isso que nos magoou profundamente, causando-nos verdadeira estranheza, o juizo que sobre o partido republicano emittio o contemporaneo em seu numero de 20 do passado.

Consega o illustre collega declarando que embora engrossem cada dia as nossas fileiras, por adhesões francas e repetidas, não acredita na possibilidade, mesmo remotissima, do advento da republica no Brasil.

E para justificar esta opinião, que os factos se encarregam por si de contestar, diz o collega que *o povo brasileiro é impotente e fraco por natureza, indifferente aos acontecimentos da patria e humilde ás imposições do governo*.

Seria necessario desconhecer a historia do povo brasileiro para irrogar-lhe semelhante accusação.

Quem consultar de animo desprevenido as poucas paginas dos annaes de nossa nacionalidade, ali verá exemplos completos das generosas e levantadas qualidades do nosso povo, entre as quaes até a energia, que lhe é tão contestada.

A verdade, innegavel para os bons espiritos, é que a monarchia e a escravidão, instituindo o regimen do privilegio e da injustiça, adormeceram sorrateiramente os sentimentos outrora nobres e viris que formavam o caracter nacional.

O que é preciso é libertar quanto antes o paiz d'essas duas nefandas instituições que a permancecerem trarão o completo anniquilamento da nossa existencia social.

Causa-nos por isso admiração ver um tão esforçado inimigo da escravidão não só querer poupar a monarchia, que é uma das causas primordiales do nosso abatimento moral e material, mas ainda vibrar armas fraticidas contra nós os republicanos que queremos não só a liberdade dos negros mais ainda a dos brancos.

Dizer que os republicanos são descontentes que, por não poderem galgar posições nos partidos monarchicos, passaram-se para a republica, é uma baboseira sedic e estafada que admiramos ver repetida pelo illustre collega; realmente, só mentecaptos procurariam galgar posições, filiando-se ao partido republicano que é um partido de desinteresse de abnegação e de sacrificio pelo banimento systematico que soffrem seus adeptos de todas as posições, de todas as honras e de todas as vantagens.

Ao e e, além d'isso, que a propaganda vigorosa que se tem feito ha dezesse annos tem educado uma pleiade inteira de republicanos que nunca pertenceram a outros partidos.

A unica censura razoavel emittida pelo collega paulistano—confessamoi-o sem rubor—é a que se refere a alguns republicanos fazendeiros que possuem, ainda, e cravos. Esse facto, alias referente a um numero muito limitado de republicanos, revela, além da falta de comprehensão perfeita das verdadeiras doutrinas democraticas, a anarchia do nosso meio social em que nem sempre é possível harmonisar os sentimentos com os actos, como alias deveria sempre acontecer. Mantidos a essa posição embaraçosa, é força confessar, entretanto, que os fazendeiros republicanos estão resgatando a sua culpa pela revolução que vão operando no mundo rural, prestes a aceitar, por iniciativa d'elles, a data gloriosa de 1889 para a libertação total dos captivos.

A proxima criação de um diario republicano, aqui na corte, enfrentando os poderes que infelicitam a nação, longe de augura, como quer o collega, a dissolução do nosso partido, significa—e claramente— a sua robustez e cohesão.

O servico enorme que esse orgão prestará em breve à idea republicana é evidente a todos os olhos; elle virá activar a propaganda no proprio centro de toda a nossa vida politica e dará harmonia de acção a todos os centros republicanos espalhados pela vasta superficie do paiz.

Não serão *barretadas de ministro* que entibiarão a fé e o trabalho dos nossos propagandistas; as seduccões do poder já depuraram as nossas fileiras de todos os falsos crentes; os que permanecem são poucos, mas não se rendem.

Não deixamos entretanto de reconhecer que a atmosphera autocratica e mercantil d'este bazar internacional que se chama Rio de Janeiro, é pouco propicia a um emprehendimento regenerador como o da imprensa republicana; mas os elementos são d'aqui e das provincias, são garantias de sobra para o exito d'esse commettimento.

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

Chapa senatorial

O Sr. F. Octaviano offerece aos eleitores liberais da provincia do Sr. Paulino e do burgo neutro uma chapa composta dos tres nomes estrondosamente derrotados ultimamente: os srs. Eduardo de Andrade, Bezerra de Menezes e Rodrigues Peixoto.

Os deputados provinciais e as influencias do commercio e da lavoura, diz o Grande Organ, sustentam os srs. Barão de Cantagallo Honório Ribeiro e Pedro Gordilho Paes Leme.

Os deputados provinciais contestam o Grande Organ, e juram fidelidade ao chefe.

Fallem as taes influencias do commercio e da lavoura!

Explicuem-se os srs. Malvinô, Franca Carvalho, e outros.

Opiniões dos estrangeiros

O integro e irreprehensivel collega do *Rio Neos* que se publica n'esta Corte, diz em seu editorial de 24 do mez p. p. o seguinte: « Os fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro parecem resoltos a mostrar desprezo pela lei e pela humanidade.

« Ainda não se borraram da memoria do publico os infandos ultrajes praticados sobre escravos da Parahyba do Sul, quando informam-nos de outro caso de maior atrocidade.

« O facto, referido pelo *Jornal do Commercio*, a quem devemos considerar como desinteressado na questão, consiste em que um fazendeiro tinha libertado um ou mais escravos sob condição de o servirem por um tempo determinado.

« O seu trato, porém, foi tal que aquelles fugiram, sendo capturados pela policia a quem o ex-senhor recorreu afim de obrigá-los a cumprir as condições de sua emancipação.

« Allega a policia que admoestara o ex-senhor, que lá bem é de côr, aconselhando-lhe mais conformação com os preceitos da moral e da razão, que foi respeitosamente ouvido e aceito.

« Mal chegam, porém, os escravos ao poder d'esse monstro com figura humana, que ordena a dous subordinados d'elle que torturem esses desditosos libertos a ponto que tres expiram debaixo do castigo. O quarto ainda vivia quando o destacamento policial chegava: morria porem poucos momentos depois.

« Pois bem que expressões ha que possam stygmatisar sufficientemente esse atroz e quadruplo assassinato? Confessamos que não achamos nenhuma. Preferimos expôr o facto em toda a sua hedionda simplicidade e que a sociedade ingleza que lê julgue dos pretensos fóros de civilisação a que pretenda aquella região do Brazil em que se dão semelhantes barbaridades.

« Dir-se-ha, sem duvida, que onde ha um mau fazendeiro, tambem existem outros muitos bons.

« Não objectamos; se apparecem ladrões, não faltam homens probos. Estes, porém, concorrerão a captura e repressão dos malfeitores.

« Os lavradores bons jamais renheceram que o assassinio de um escravo seja um crime mais grave do que arcausar ou mesmo matar um animal de especie inferior á do proprio fazendeiro.

« A provincia do Rio de Janeiro faz bem em não procurar attrahir immigrants. Cremos que é o ultimo ponto em que elles não podem esperar outra coisa mais que maus tratos, emquanto perdurar o designio colectivo de introduzir servos ou succedaneos do escravo.

« Se um lavrador pode sevir a um brasileiro, livre perante a lei, e infligir-lhe a morte: que protecção pode haver um para estrangeiro?

População de Buenos-Ayres

Em uma correspondencia do Rio da Prata para o *Diário Popular* de S. Paulo, lê-se que o ultimo recenseamento dá á cidade de Buenos-Ayres 431.633 habitantes, incluídos 9790 de população fluvial, embarcada em 1381 navios de todo o genero, ancorados no porto por occasião do arrolamento.

Se tivessem sido comprehendidos os bairros das Flores e Belgrano, que vão ser incorporados á capital, com cerca de 25.000 almas, o total da população de Buenos-Ayres subiria a 459.633, o que a collocaria entre as capitais de segunda ordem, como Madrid, Bruxellas, e outras cidades da importancia de Napoles, Birmingham, Manchester, Chicago, etc.

Tudo prezaria que em menos de vinte annos Buenos-Ayres seria uma das maiores cidades do mundo.

O Rio de Janeiro tem a população que cada um lhe quer dar, desde 200 mil até 600 mil.

A respeito de estatística, o imperio é uma lastima.

E a respeito de muitas outras cousas. Como, porém, o fisco é vigilante e insaciavel, sabemos que ha n'esta cidade 33.000 mil casas, e dando liberalmente doze moradores a cada uma, sem excepção, ainda ficamos bem longe de Buenos-Ayres.

Congresso rio-grandense

No dia 30 de Setembro ultimo reuniu-se o congresso republicano rio-grandense em Santa Maria, e celebrou successivamente tres importantes sessões, achando-se presentes os srs: H. realano Montenegro, representante dos republicanos de Jaguarão; dr. Assis Brasil, de S. Martinho; dr. Demetrio Ribeiro, do Alegrete; dr. Julio Castilhos, de Taquary; dr. Ernesto Alves, de Camapuam e S. Francisco de Assis; dr. José Pinheiro Machado, de S. Luiz; dr. Alvaro Baptista, de Santo Angelo; João Cezar de Oliveira, de Dors de Camapuam; dr. Homero Baptista, de S. Borja; Apparecio Mariense, do Passo de S. Borja; dr. Ferreira da Costa, da Cruz Alta; Eustachio Fentoura, de Santa Maria; Augusto Pereira Leitão, de S. Vicente; Innocencio da Silva Costa, de S. Pedro; Julio Mamede, de S. Gabriel; João Appel Primo, de Cacapava; José de Almeida Lencina, de Carovy, municipio de S. Luiz.

Faltaram com causa alguns delegados. O congresso considerou como objecto involuntavel da propaganda e da acção collectiva do partido a abolição immediata, incondicional e sem resgate, assumindo todos os delegados o compromisso espontaneo de promoverem n'esse sentido a agitação popular nos municipios da sua respectiva residencia por todos os meios que possiveis forem, entre os quaes avulta a constituição de comissões libertadoras.

Nomeou uma comissão, composta dos dres. Demetrio Ribeiro e Julio de Castilhos, para de accordo e de combinação com o deputado republicano dr. Assis Brasil estudar e fixar as bases da reorganisação do trabalho na esphera provincial.

Estabelecidas taes bases, e adoptado um conjunto systematico de medidas reorganisadoras pelos cidadãos, ao deputado republicano e á imprensa do partido, cumprirá agitar na publicidade o plano elaborado, cuja adopção por parte dos poderes officiaes da provincia será o elevado objectivo de uma propaganda especial.

Ficou incumbida a Comissão Executiva de dirigir-se ao Conselho Federal constituido no Rio e ás comissões directoras dos republicanos nas provincias, no empenho não só de assegurar plenamente a harmonia de acção positiva do partido como suggerir a conveniencia de effectuar-se no Rio em epocha oportuna a reunião do Congresso Nacional.

Foi aceita unanimemente uma moção pela qual o Congresso affirmou a sua solidariedade com o illustre correligionario dr. Assis Brasil no desempenho do mandato de deputado provincial durante a legislatura e com a direcção que tem sido dada á *Federação* pelo brilhante e laureado escriptor dr. Julio de Castilhos.

A Comissão Executiva, ficou assim composta:

Membros effectivos: Demetrio Ribeiro, Julio de Castilhos, Ernesto Alves, Julio Pacheco e Ramiro Barcellos; supplementes — José Pedro Alves, Luiz Lesegneur, Candido Pacheco, Orlando Coelho da Silva e Felicissimo de Azevedo.

MOVIMENTO REPUBLICANO

Lê-se no *Correio do Machado*:

Em S. José do Tijuco, no 15º districto, adheriram ao partido republicano 45 eitores, firmando um importante documento politico.

Em Monte Al gre, mais de 100 eleitores vão dar o mesmo passo.

Registramos com intimo prazer e te movimento republicano no 15º districto e congratulamo-nos com o nosso partido pela brilhante pleiade de correligionarios que se arremigram-tam.

Saudamos a patria que vê seus filhos sacudirem o jugo ferrenho de uma monarchia endoidecida e unirem-se em defeza da democracia, fonte unica de onde emanará a felicidade, o progresso e a grandeza do Brazil conferado.

VIDA DOS CAPTIVOS

Achamos a descripção, que damos em seguida, tão commovedora e pathetica em sua singeleza e desatavio de phrases sonoras, que pedimos venia ao nosso collega d'A *Redempção* para reproduzir-a.

Para quem conhece as scenas desoladoras do interior, esse quadro não é mais que uma pallida imagem da realidade.

Nós avançamos mais. Cada fazenda é um açougue de carne humana. O fazendeiro e sua familia assistem impavidos á consummação diaria dos mais monstruosos attentados e ultrajes contra a civilisação.

Não ha correctivo possivel contra o viciamento obstinado, cynico, empedernido, systematico e inexoravel.

O unico alvitre consistiria na inversão das funcções: ao carrasco corresponde agora curtir as angustias das victimas; aos escravizados brandir o latego e sacudil-o no corpo anediado d'aquelles.

A's 4 horas da manhã, mais ou menos, conforme a necessidade do administrador da fazenda, tocam o sino.

O primeiro toque desperta os pobres escravizados do pesado somno que, pela canceira do trabalho do dia anterior, dormem profundamente; mas nem bem acabam de se vestir, já ouvem o segundo toque do sino, que chama-os á revista; algum que por qualquer motivo, vem atrasado, é encontrado pelo feitor que lhe diz em voz alta: — Então você não ouviu o sino, ladrão, cachorro, toma lá um d'uzia de couro para outro dia você estar mais alerta. Ali chegam todos á presença do administrador, estão todos em pello, e o feitor defronte; se alli ás vezes está alguma criancinha nos braços de sua mãe e está chorando de frio, logo lhe diz o administrador: — Agrade essa criança, negra.

Mas agradar como, se o agasalho lhe falta? Ali, por qualquer cousa, já mandam passar o couro de ponta a ponta. Se um ou dous pobres escravizados dão parte que não podem ir ao trabalho, declarando que estão doentes, logo lhes diz o administrador:

— Eu tambem ando doente e não dou parte a ninguém e estou sempre trabalhando, e, portanto, vocês façam o mesmo, senão eu os curo com o couro. Vocês não tem nada, é manha; puxem para a roça.

D'alli seguem para o logar do trabalho determinado pelo administrador e o feitor na retaguarda; isso quer chova, quer faça sol; para os negros todo o tempo é bom; não podem perder uma hora de trabalho, e trabalhem sem tregoa nem descanso, senão, alli mesmo, o feitor exemplar-os e se algum reagir, o feitor mette-lhe o cabo do relho na cabeça, amarra-o e manda-o para casa, onde vai ser posto no tronco e castigado com bacalhau e depois mettido em ferros, para de novo ir para o trabalho.

A's 8 horas da manhã mais ou menos chega, a carrocinha da comida; o feitor manda que vão almoçar; os miseros escravos chegam aonde está a carrocinha, rodeam-na, pucham cada um sua colher que trazem enfiada na cinta e sentam-se para comer. Mas que comida? Feijão mal temperado e angú mal cozido! E comam calado e achem bom, senão...

Para essa refeição o feitor dá meia hora; vencido esse praso, muito embora ainda esteja algum comendo, ouve-se o grito do feitor: — Levanta; largam todos em acto continuo e sahem para o trabalho.

Alli logo o feitor grita: — Bota enxada. E é necessario que todos respondam: — Sim, senhor; senão já tomam couro, até responderem, e se algum apanha e fica mal satisfeito, como é muito razoavel, esse é chamado de novo, e se a primeira vez é castigado com relho ou palmatoria, a segunda é com bacalhau, até que mostre-se alegre ao algôz que o subjugou!

Com o sol quente ou com chuva, são obrigados a trabalhar sem camisa (em diversas fazendas) e alli se vêem aquellas costas todas retalhadas do relho do feitor.

Chegada a hora do jantar, chega de novo a carrocinha de comida e o feitor: — Vão jantar. Sahem os miseraveis do logar do trabalho e rodeiam de novo a carrocinha, pensando que talvez morresse algum porco de peste, e que por isso viesse alguma carne, para differenciar o almoço; mas qual o que! é o mesmo feijão com angú, e feito de que modo! Elles alli sentam-se magoados, a comer um manjar que já aborrece, e dizem consigo: — Nós que plantamos tudo e temos todo o trabalho, no entanto vemos tudo por um oculo; não é nada, tudo ha de ter fim.

Acabado de jantar, que dura tanto tempo como o almoço, pegam no serviço, cada vez mais apertado. D'ahi a pouco, chega o administrador, montado a cavallo; ao approximar-se do eito, mostra uma carranca que parece a de um ingrato inimigo da raça africana, capaz de devorá-la com os olhos e com os dentes. Já todos lhe dão louvado e a nenhum elle corresponde. Passeia de um lado e outro; depois, vira-se para o feitor e lhe diz:

— Não fizeram nada até agora; é preciso apertar mais essa gente; estão mangando.

O feitor só responde — *sim, senhor*, pois, se é captivo, tem medo do couro e se é livre, tem medo da demissão; então, logo que o administrador retira-se para casa, começa a dizer *bota, bota* e a arrumar de couro e mais couro até a noute.

Parece que lidam com machinas a vapor e não com gente, como nós mesmos!

Enfim, com todos estes tormentos para os pobres escravizados, e chegada a noute, largam do trabalho e seguem para casa, cada um com um bom feixe de lenha na cabeça, não para si, e encarreirados como tropa e o feitor á retaguarda; chegam á casa, fazem fileira, dão louvado, e seguem os mesmos processos da primeira revista.

O administrador, não satisfeito ou para evitar que os negros roubem (o que é seu mesmo), ou que passem antes de dormir, manda debulhar milho ou fazer qualquer serão que vá até as 9 horas embora não tenha d'isso necessidade.

Nessa hora vem a ceia, com alguma differença — em vez de feijão com angú, vem angú com feijão.

Excusado é dizer que não é todo o senhor que dá ceia aos seus escravizados.

Em seguida o sino dá signal de recolher, faz-se nova revista a ver se falta algum, o feitor espanca aquelle que n'essa occasião foi beber agua ou até o cachimbo, e fecha-os no quadrado, onde vão descansar por poucas horas.

Assim, no dia seguinte e em todos os outros, repetem-se as mesmas scenas, ou peiores.

Ao sabbado, resam o terço com fervor e, tímidos imploram em seu coração a piedade da Consoladora dos Afflicto, para que alcance de seu Bemdito Filho misericórdia. Mas á sahida, apanham de relho, para chegar de pressa ao serão.

Ao domingo, em umas fazendas, só têm descanso das 9 ás 4 ou 5 horas da tarde; em outras, só depois que acham uma certa tarefa, até ao escurecer, hora em que têm de começar o costumado serão.

Note-se que, n'essas minguadas horas de descanso, é que os escravizados têm de lavar sua roupa, as mães tratar de seus filhos, etc.

Na colheita de café, muitas vezes é necessario que os miseraveis levantem-se á meia noute ou em outra qualquer hora da noute, para livrar o café da chuva, etc. e n'essa occasião levantam-se com o corpo molle, como é natural, já pelo cansaço com que se deitam já pela hora impropria em que se acordam; mas o feitor activa-os com o chicote e aos gritos de — *trotêa, diabo*, que se misturam com os de — *ai, Jesus!* exhalados pelos infelizes escravizados. E' que ha mais pena de um pouco de café que se molha, do que da irremunerada gente que o planta e o colheu. E' que os sentimentos de igualdade, de gratidão e de religião são totalmente banidos da moral de taes fazendeiros de sorte que não ha serviço, por pequeno que seja, ou um pouco de café que se beba, que não seja humedecido pelas lagrimas e salpicado de sangue dos miseros captivos.

Espoliados em tudo, não gosam dos direitos que lhes dá a natureza sobre suas mulheres e seus filhos. Se um d'estes é castigado, o pae ou marido têm de se mostrar insensivel, indifferente e tranquillo; senão, é tambem castigado com as penas que quizerem de momento.

O remedio para as sevicias é sal, vinagre, etc. O leito é um couro ou uma esteira estendida no chão immundo, onde as pulgas e bichos, tambem por sua vez vêm augmentar o supplicio dos miseros escravizados, que só têm como travesseiros para descansar a cabeça atordoada — u n tóco de pau.

Fis a triste vida dos miseros captivos. Deus tenha d'elles compaixão.

Um que foi captivo.

SECÇÃO LITTERARIA

O HOMEM

POR ALUIZIO AZEVEDO

II

Pecados contra a vernaculidade, pureza da dicção, elegancia e correcção do estylo, não são raros no livro do Sr. Aluizio.

Exemplos:

« Quando teve occasião de comparal-o com outros, amou-o por eleição, por entender que elle era o melhor e o mais preferivel de todos os homens. »

E' perfeita a filiação das ideias; não assim a expressão.

Magdalena comparou Fernando com outros homens; reconheceu que elle era o melhor; portanto o mais digno de apreço, o mais para ser querido. Dada a primasia, Fernando era preferivel a todos. Para que d'elle se pudesse dizer que era mais preferivel, cumpria que os outros tambem fossem preferiveis, o que implica absurdo.

A Democracia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

Verdade seja que nos classicos encontra-se mais principal, e não falta por ali quem escreva inimigo mais acerrimo, e só mais acerrimo.

Não é de seguir a lição, parece-nos. Teos que a phrase ficaria correcta assim: Elle era o melhor dos homens, e a todos preferivel.

«A roda dos seus amigos crescia a olhos vistos.»

Vulgarissimo, talvez já inevitavel, é o erro que se contém n'essa locução.

Ouvimos todos os dias: O cometa aproxima-se a olhos vistos; a luz do pharol amortece a olhos vistos; as plantas crescem a olhos vistos.

A construcção inversa da phrase é uma cilada para o ouvido, e pro-luz o erro de concordancia que tanto se tem generalizado.

Os olhos vêem o cometa aproximar-se, a luz amortecer, etc.; portanto o cometa é visto a olhos (desarmados, nós), a luz é vista, as plantas são vistas.

Segundo a forma usual, os olhos é que são vistos.

Correctamente diríamos: As plantas crescem a olhos vistas; — A roda dos amigos crescia a olhos vista.

Em contrario cita o Dicionario chamado de Aulete uma phrase de Francisco Manuel, em que bem pode ter havido erro typographico. Em todo o caso, temos por mais seguro acompanhar Moraes, Castello Branco, Castilho (Antonio), e sobretudo José Feliciano em uma das suas notas á Livraria Classica.

Brasileirismo inveterado e feio é o emprego do adverbio quanto precedido do artigo o.

«Contou-lhe o quanto adorava seu Fernando; o quanto precisava de casar com elle.»

A lição dos mestres daria: Contou quanto adorava, quanto precisava casar.

Em geral os escriptores de nota fazem intransitivo o verbo obedecer, e dizem: obedecer á lei, ao impulso, ao peso, etc. Causa, por isso, certa estranheza a forma obsoleta de que usa o sr. Aluizio, pag. 155, quando escreve: obedeça-o, por obedeça-lhe.

Graphicamente distinguem-se *afeição*, dar feição ou figura, e *afeição*, inspirar affecto; mas ambas as palavras soam do mesmo modo, e prestam-se a trocadilhos, que importa evitar. «Para não contrariar ao pae, que se mostrava muito afecionado por elle» é amphibologico, e nada elegante.

A argila é afecionada pelo artista.

O conselheiro era afecionado ao commendador.

Duvída por vezes o leitor si a desenido de revisão, si a proposital innovação deve attribuir o frequente desprimor de vocabulos e de contextura que se nota n'O Homem.

Esgares, cangote, saudades pelo filho, terror pela morte são empregados em lugar de esgares, cogote, saudades do filho, terror da morte.

«Podemos ficar a nossa plena vontade, fazer o que bem quizermos, rotarmos....., entregarmos-nos....., enlouquecermos.....»

«Será muito bonito si eu agora nem acordada me possa livrar....»

«O que vos peço, quer hajam de ir ou não, é que se casem....»

«Meias que faziam pena calçá-las, de tão lindas....»

Leves maculas como essas ha outras que o autor ha de apagar de seu livro em uma das proximas edições.

A bellissima descripção da tarde no campo de Sant' Anna contém um pequenino senão, só extranhavel por ter escapado a observador tão consciencioso.

Declinava o sol, enchiam-se de sombra as ruas do parque.

«Reviviam as flores amigas da noite, e comegavam a murchar as boninas e as papoilas»

A bonina, impudente tricolor também conhecida por maravilha, está tão longe de emmurcheçar á tardinha, que até na intimidade chamam-a boas noites e belle de nuit.

Ainda temos no ouvido a toada de uma velha canção popular, que comegava assim:

Maravilha, flor da noite...

Que as papoilas, como dormideiras que são, recolham-se ao toque de trindades, é possível.

As boninas tem habitos mais aristocraticos, ou mais bohemios: trocam o dia pela noite.

Não imagine agora o joven romancista que pretendemos medir a cordel a sua prosa, ou que temos pendor para grammatico, ou purista, ou mestre de rhetorica.

Tão outra é a craveira a que sujeitamos as nossas leituras, que não desconhecemos o encanto de certas expressões populares e de alguns neologismos, como sejam: pegou de selamentar, abriu a chorar, abriu n'um pranto, achinezar os olhos, etc.

Está ao alcance de todos apontar imperfeições. Póde o remendão descobrir em primorosa estatua o defeito da chinella. Não é o mesmo fazer a critica da belleza, tarefa que exige apurado gosto, rapida comprehensão do conjuncto, e rara faculdade de analyse.

Não nos propomos dizer todo o bem que sentimos do notavel romance brasileiro. Tentaremos apenas dar ideia do que mais nos impressionou durante a leitura.

Magnifica paisagem é a descripção da chácara, o casarão tristonho e antigo, para as bandas da Tijuca, meio abandonado ao matto e a traçoeraba. «No portão comegava uma longa e tenebrosa alameda de mangueiras, e se ia extendendo por ali acima, lugubre como um caminho de cemiterio. Era triste aquillo com os seus altos muros de pedra e cal, pesados, cobertos de lino, e transbordantes de copas d'arvores velhas..... Mettia afflicção entrar lá: um pavoroso silencio de egreja abandonada enchia os enormes quartos nús enxovalhados de pó; um ar frio e encanado, como ar de corredores de claustro, enregelava e opprimia o coração n'aquelles longos aposentos sem vida. Tudo aquillo transpirava cheiro de velhice, cheiro de molestia; sentia-se a friagem da morte e a fedentina humidade das catacumbas.»

Quem não reconhecerá n'esse sepulchro de vivos um exemplar da architectura mestre de obras, que produziu o paço da cidade, o do senado, e alguns dos palacetes impregnados da melancolia que os nossos avós communicavam á habitação onde com a vaidade do traficante afidalgado alojavam o tedio, o desconsolo, a áncia do nada?

Quadro de outro genero:

«Repontava odia. Tudo se enchia de vida; as abelhas sahiram para as suas obrigações; borboletas peralteavam já pelo ar, em troca, mechendo com as flores; a pequenada dos ninhos reclamava o almoço, e os paes andavam por fóra, a tratar da vida, afflictos, preocupados, mariscando da humidade da terra o pão nosso da familia. O sol erguia-se como um patrão madrugador e activo, acordando toda a sua gente, e chicoteando a golpes de luz a matta inteira, folha por folha, para não deixar nem um preguiçoso dormindo acotado pela sombra.

Uma doirada nuvem de lavandeiras doidejava sobre os lagos, picando a agua com a cauda, de instante a instante, n'um crepitar frenetico de azas.»

Razão teve Walter Scott para ponderar que em um bom romancista ha sempre um poeta.

A formosa pagina que acabamos de copiar é um hymno da manhã, em que a mystica harmonia lamartineana está substituida por uma dogura de affectos que se derrama por toda a natureza, chamando-a á communhão humana.

O sol, as abelhas, as borboletas, os passaros, as lavandeiras seriam para Lamartine outros tantos cantores:

Tout vit, tout s'écrit
C'est lui! c'est le jour!
C'est lui! c'est la vie!
C'est lui! c'est l'amour!

O romancista brasileiro faz com os mesmos elementos um quadro em que ha o patrão madrugador e bulhento, as gulosas crianças que acordam pedindo almoço, os paes occupados no ganha-pão diario, o munlo operário das abelhas, a juventude doirada, travessa e inquieta das borboletas e lavandeiras.

Preferimos a prosa de Aluizio, nós que tivemos o fanatismo, e ainda temos o culto do grande poeta francez.

Agora uma pintura da tarde.

«O sol acabava de retirar-se, mas a terra ainda palpitava na luz. As aves iam se che-

gando aos seus penates; toda a natureza se aninhava para dormir, só as vadias das cigarras continuavam espertas a cantar, fazem lo sobresahir o seu interminavel lá-menor d'entre os pacatos bocejos da matta, que se espreguçava ali mesmo, a dous passos da casa, tranquilla e submissa como um animal domestico. Magdá sentiu-se ternamente impressionada pelo taciturno aspecto do casarão que, lá n'aquellas alturas, se lhe afigurava um velho mosteiro ignorado. A circumstancia da hora também contribuiu para isso; aquella hora sem dono, que não pertence ao dia nem á noite — era d'ella; chamou-a a si, como se recolhesse um engeitado, e tomou-lhe carinho. Era o momento predilecto para as suas concentrações e para os seus extasis; em tudo descobria a essa hora o carpir de uma saudade; cada moita de verdura ou cada grupo de arvores tinha para a filha do conselheiro suspiros e queixumes de amor. Parecia-lhe que a terra, n'esse lamentoso e supremo instante em que o sol morre, se vestia de luto e chorava a perda do esposo que além se afogava, em pleno horizonte, atirando-lhe de longe os seus ultimos beijos de fogo. Magdá ouvia então os abafados soluços da viuva, e sentia-lhe o frio orvalho do pranto.»

Que belleza n'essa imagem da hora sem dono, carinhosamente recolhida como um engeitado pela sonhadora Magdalena, em cujo espirito também comegam a cahir as sombras do crepusculo, que já não é o dia, nem ainda a noite da intelligencia! Hora unica na fronteira que separa da região onde habita o genio o antro onde vive a lousura!

(A concluir no proximo numero).

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Provincias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princeza dos Cajuiceros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angé.....	18000
A casadilha de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera-comica em 3 actos.....	18000
A flor de Luz.....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 1 acto.....	5000
Amor por annexins.....	5000
Uma vespera de Reis.....	5000

Eduardo Garrido

Bacacio.....	18000
Viagem á lua.....	18000
O joven Telemaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Bolões.....	5000
Por um triz.....	5000
Quasi que se pegam.....	5000
Um alho.....	5000
O meu amigo banana.....	5000
A bengala.....	5000

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	18000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadilha de Val-flór, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	18000
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.....	18000
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	18000
Amor e infamia, notavel drama.....	18000
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Eurico, magistral drama extrahido do romance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Guitres da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 3 actos.....	5000
Amor por annexins.....	5000
Uma vespera de Reis.....	5000

Flores incultas, poesias, 1 vol.....	18500
MANOEL ALVES DA SILVA	
A independencia do Brasil, poema heroico, 1 vol.....	8300
NICOLAU DO REGO	
Inspirações da mocidade, poesias, 1 vol.....	8500
FERREIRA NEVES	
Threnos, collecção de poesias, 1 vol.....	18000
RODRIGUES JUNIOR	
Trenos d'amor, poesias, 1 vol.....	18000
SILVA LIMA	
Rabiscos a Esmo, 1 vol.....	8400
ARAÚJO BARROS	
Ensaio poetico, 1 vol.....	8500
SILVA AZEVEDO	
Horas vagas, 1 vol.....	18000
GENERINO DOS SANTOS	
Os Lazaros, poema.....	8300
PEREIRA DUTRA	
Poesias, 1 vol.....	18000
VIRISSIMO DO BOMSUCCESSO	
Falafas, 1 vol.....	8500
FAGUNDES DA SILVA	
Larvas e Sonhos, poesias 1 vol.....	18000
Delirios juvenis, 1 vol.....	18000
FILGUEIRAS SOBRINHO	
Auroras e Crepusculos, poesia.....	18000
CARLOS AUGUSTO DE SA	
Saudades, idillio, 1 vol.....	8200
DR. DINIZ	
A Bengalleida, poema em 3 cantos, 1 vol.....	8300
SYMPHONIO CARDOSO	
Índias, 1 vol.....	8500
Ramalhete, poesias, 1 vol.....	8500
A Chadelhada, poema heroico-comico satyrico rarissimo.....	18500
OLIVEIRA PINTO	
Poesias, 1 vol.....	8500
SOUZA MOURA	
Emma A Esperança e a Tunha, 1 vol.....	18000
SILVEIRA DA MOTTA	
Quadros da historia portugueza, 1 vol.....	28000
ANTONIO JOSÉ VIALE	
Bosquejo Historico, Poetica, 1 vol.....	18000
MESQUITA NEVES	
Os primeiros harpejos de minha lyra, 1 vol.....	18000

THEOPHILO DIAS

Lyra dos verdes annos, poesias lyricas, 1 vol.....	18000
O conhecido autor das fanfarras está acima de qualquer elogio.	

ANTONIO FIGUEIRA

Adejos, 1 vol.....	18000
--------------------	-------

Ninguém tem acompanhado mais de perto a escola poetica de Castro Alves do que o festejado autor dos Adejos. Um notavel critico alliança que se fosse C. Alves vivo com prazer subscreveria tão notaveis poesias.

MOREIRA DE VASCONCELLOS

Aljofares, poesias, 1 vol.....	18500
EZEQUIEL FREIRE	
Flores do Campo, 1 vol.....	18500

CASTRO FONSECA

Echos da minha alma, poesias, 1 vol.....	8600
--	------

ALEIXO DOS SANTOS

Murmurios, lyra dos vinte annos, 1 vol.....	18000
---	-------

JOAO GODOY

Flores das Selvas, poesias, 1 vol.....	28000
--	-------

As commendas, poema heroico-comico satyrico em 5 cantos, 1 vol.....	18000
---	-------

SALLES GUIMARÃES

Saudades da Campa, 1 vol.....	8500
-------------------------------	------

SILVA FERRAZ

Cantos e Lamentos, 1 vol.....	8500
-------------------------------	------

OLIVEIRA AGUIAR

Dez-peças poeticas, 1 vol.....	18000
--------------------------------	-------

JOSE DA NATIVIDADE SALDANHA

Poesias 1 vol com o retrato.....	28000
----------------------------------	-------

AVILA OZORIO

Canto de dôr, 1 vol.....	8500
--------------------------	------

FELIX DA CUNHA

Poesias, 1 vol. enc.....	98000
--------------------------	-------

SILVA BRAGA

Canicos patrioticos, 1 vol.....	28000
---------------------------------	-------

Sonhos da Mocidade, 1 vol.....	28000
--------------------------------	-------

ALBUQUERQUE LIMA

Alvoradas, 1 vol.....	18000
-----------------------	-------

J. F. D'OLIVEIRA

O Pico Ruivo, poesia, 1 vol.....	8200
----------------------------------	------

SILVA PENHA

arpejos d'amor, 1 vol.....	18000
----------------------------	-------

GOELHO D'AMARANTE

Paginas de prosa e verso, 1 vol.....	18500
--------------------------------------	-------